REVISTA DA FUNDARTE
ANO 24
NÚMERO 60
JULHO A SETEMBRO DE 2024
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO



REVISTA 59
PROCESSOS E REGISTROS EM ARTE:
AÇÕES DO COTIDIANO EM REFLEXÃO

MEDIAÇÃO CULTURAL AFETIVA

FFECTIVE CULTURAL MEDIATION

Marcelo Feldhaus
Universidade do Extremo Sul Catarinense – Unesc, Criciúma, SC/Brasil

Aline Delavechia Rodrigues
Professora na rede estadual da cidade de Balneário Gaivota em Santa Catarina

Resumo: Este artigo insere-se no campo das problematizações sobre educação, arte e mediação cultural. Trata-se de um recorte de uma pesquisa realizada como Trabalho de Conclusão de Curso (2022) e tem como objetivo investigar as possíveis relações entre os espaços de cultura e arte e a atuação do mediador cultural na formação do sujeito sensível e crítico. Do ponto de vista metodológico, caracteriza-se como uma pesquisa básica, qualitativa com a execução de grupo focal contando com oito participantes que atuam como mediadores em instituições culturais dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Em relação aos resultados, foram observados que os participantes do grupo focal tramam diferentes estratégias para oportunizar uma mediação cultural afetiva. Também observamos que estas mediadoras e mediadores são provenientes de diversas áreas, obtendo capacitações ao logo do exercício de suas funções dentro das instituições. Além do mais, não cabe somente aos mediadoras e mediadores oportunizar mediações culturais afetivas. Esses critérios estão inter-relacionados aos discursos que a direção, curadores, artistas e setor educativo colocam em jogo.

Palavras-chave: Experiência. Mediação Cultural. Arte. Educação. Ação Educativa.

Abstract: This article is part of the field of problematizations about education, art and cultural mediation. It is an excerpt from a research project carried out as a Course Conclusion Work (2022) and aims to investigate the possible relationships between cultural and art spaces and the role of cultural mediators in the formation of sensitive and critical subjects. From a methodological point of view, it is characterized as basic, qualitative research with the execution of a focus group with eight participants who work as mediators in cultural institutions in the states of Santa Catarina and Rio Grande do Sul. The results show that the focus group participants use different strategies to provide affective cultural mediation. We also observed that these mediators come from different backgrounds and have obtained training throughout their work in the institutions. What's more, it's not just up to the mediators to provide affective cultural mediation; these criteria are interrelated with the discourses that the management, curators, artists and educational sector put into play.

Keywords: Experience. Cultural Mediation. Art. Education. Educational Action.

Introdução

> *"A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece."*
>
> *(LARROSA BONDÍA, 2002, p. 21)*



Partindo da epígrafe extraída do texto clássico de Jorge Larrosa Bondía, concordamos que as experiências que vivenciamos ao longo de nossas vidas nos deslocam, atravessam, desacomodam e nos constroem sujeitos. Vamos nos tornando viajantes e acumulando bagagens que ampliam o nosso repertório e os modos de ser e estar no mundo. É considerando essas experiências que esta pesquisa ganhou contornos e desdobramentos, uma vez que toma como ponto de partida as bagagens que pouco a pouco vamos organizando em nossos arquivos de memória a partir de visitas a museus, galerias de arte, viagens e o contato com a produção e as manifestações artístico-culturais. Somam-se a elas o percurso de formação acadêmica de uma das autoras nos Cursos de Artes Visuais Bacharel e Artes Visuais Licenciatura, enquanto o outro autor desempenha o papel de professor na mesma universidade, instituição comunitária localizada no sul do estado de Santa Catarina. As bagagens que nos acompanham neste texto somam ainda a atuação de uma das autoras como mediadora cultural no Museu da Infância (MI)[1], que trianguladas materializam-se em uma pesquisa, impulsionando o texto que pretende desdobrar as reflexões e dados reunidos por meio de referencial teórico que se debruçaram na atualização do conceito de mediação cultural e suas relações com a arte e a educação.

O objetivo geral da pesquisa foi o de investigar as possíveis relações entre os espaços de cultura e arte e a atuação do mediador cultural na formação do sujeito sensível e crítico. Dessa forma foi preciso esclarecer alguns marcos importantes da pesquisa, partindo das problemáticas: é possível relacionar a mediação cultural em exposições de arte com a construção de um olhar crítico e sensível no público visitante? O público que visita exposições de arte e cultura, está vivenciando experiências significativas nas propostas de mediação cultural? Os mediadores são responsáveis por exercícios formadores de olhares sensíveis e críticos? É possível

[1] O Museu da infância fica localizado na cidade de Criciúma, no estado de Santa Catarina, no Campus da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Para saber mais, acesse: https://www.unesc.net/portal/museu-da-infancia/apresentacao. Acesso em 29 de ago. 2023.



que os olhares sejam formados? Que concepções de arte e educação estão presentes nas propostas de mediação cultural em exposições artísticas?

Do ponto de vista metodológico, caracteriza-se como uma pesquisa de natureza básica, qualitativa de caráter exploratório com a realização de campo a partir de um grupo focal. Essa técnica oportuniza trocas de experiências que outros métodos que consideramos relevantes para a pesquisa uma vez que dá liberdade de fala entre os participantes, enquanto o moderador somente escuta e direciona o assunto para que não fuja do tema da pesquisa.

Ao todo participaram do grupo focal sete mediadoras e apenas um mediador, localizadas nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A metodologia é apresentada e articulada aos resultados da pesquisa no decorrer do texto.

Arte e educação: mediação cultural e ação educativa

Além do espaço escolar, existem os espaços não formais de educação, como museus, galerias de arte, centro culturais e outros. Esses lugares permitem o encontro com obras de arte e objetos de diferentes culturas, possibilitando assim, a ampliação de repertório artístico-cultural do sujeito visitante. Muitos desses espaços oferecem mediações culturais e promovem ações educativas aos visitantes. Considerando os sujeitos como singulares que vão se construindo por meio de “bagagens” culturais e históricas, o mediador(a) cultural busca mediar as informações entre a obra e o sujeito.

> Assim, considerando o ser humano como um ser histórico e social inserido em sua cultura, a mediação é compreendida como interação e diálogo que valoriza e dá voz ao outro, ampliando horizontes que levam em conta a singularidade dos sujeitos em processos educativos na escola ou fora dela. Podemos denominá-la como “mediação cultural”. (MARTINS, 2018, p. 85).

Concordamos com Miriam Celeste Martins e partimos da premissa que a mediação cultural e as ações educativas devem considerar as singularidades de cada sujeito, ampliar horizontes, promover diálogos e interações, construir



significado. Portanto a mediação cultural tem potência para tornar uma visita e vivência em uma experiência estética, pois somente passar informações históricas e descritivas sobre o acervo visitado não é suficiente "há de ser um convite à aesthesis[2], desarmando a anestesia que leva a indiferença" (MARTINS, 2018, p.85). A mediação cultural e o mediador(a) que transcende a função de apenas apresentar informações, sem abertura para diálogos e trocas de experiências, permite ao visitante reflexão, conexão e ampliação de saberes.

Segundo Martins e Picosque (2012, p. 29) "o processo de mediação há de ser provocativo, instigante ao pensar e ao sentir, à percepção e imaginação. Um ato capaz de abrir diálogos, também internos, ampliados pela socialização dos saberes e das perspectivas pessoais de cada fruidor". Os mediadores e mediadoras contribuem para a formação cultural do espectador e os museus e equipamentos artístico-culturais como espaços de educação.

Para melhor compreender a importância da mediação cultural e o papel do mediador e mediadora foi necessário explorar os pensamentos da pesquisadora e professora alemã Carmen Mörsch (2016). De acordo com a autora, existem quatro discursos institucionais sobre mediação e educação em museus: afirmação, reprodução, desconstrução e transformação.

O discurso afirmativo é considerado como o dominante nas instituições, pois são voltados ao público que possuem especialização na área e frequentam constantemente estes espaços.

> Ele atribui à mediação e à educação em museus a função de comunicação externa da missão do museu de acordo com os padrões do ICOM – coleção, pesquisa, preservação, exposição e promoção do patrimônio cultural. Aqui, a arte é entendida como um campo especializado que diz respeito, principalmente, a um público de expertos. (MÖRSCH, 2016, p. 3).

[2] *Aesthesis* é a palavra grega na origem do vocábulo "estética" e significa percepção sensível, sensibilidade, sentimento, etc. Para saber mais, acesse: https://www.scielo.br/j/trans/a/BzMTp6zLfJZgwKXNHtyqt7M/?lang=pt#:~:text=Aesthesis%20%C3%A9%20a%20palavra%20grega,%2C%20sensibilidade%2C%20sentimento%2C%20etc. Acesso em: 15 de mar. 2023.



Sendo assim, as práticas educativas e mediadoras não são pensadas para atrair outros possíveis públicos. Neste discurso as mediadoras e mediadores passam várias informações ao público, mas este mesmo, não tem tempo suficiente para assimilar o que acabou de escutar, porque as informações não param de chegar. São discursos prontos para todos os visitantes e sem espaço para diálogo. Além disso, o discurso não é flexível conforme a faixa etária e o conhecimento dos visitantes sobre o assunto.

Já o discurso reprodutivo, visa inserir aqueles que não costumam frequentar espaços culturais e artísticos, buscando visitantes de diferentes gerações. Esse discurso considera a importância do patrimônio cultural para a educação, entendendo também, que existem barreirais que dificultam e até mesmo impendem este acesso. Com isso as práticas educativas das instituições que fazem uso desse discurso procuram aproximar e acolher este público.

O discurso mais raro de se encontrar nas instituições culturais é o desconstrutivo, pois como o próprio nome diz, desconstrói os processos educativos e canônicos. Estabelece discursos mais críticos as instituições e a arte dentro da própria instituição. De acordo com Mörsch “o objetivo da mediação e da educação em museus é examinar criticamente junto aos seus públicos, o museu e a arte, bem como os processos educativos e canônicos que têm lugar dentro desse contexto” (2016, p.3).

Assim como estes espaços podem alcançar todos os públicos, também podem potencializar a exclusão/distinção de grupos e, partindo de um discurso desconstrutivo, podem buscar práticas de mediação que incluem grupos discriminados e excluídos pelas instituições. Muitas das instituições atuais não possuem preparo do espaço físico e equipe capacitada para receber estes públicos, o que acaba tornando-os excluídos.

O último discurso apresentado pela autora refere-se ao transformador, em que mediadores e público trabalham juntos, compreendendo que estes espaços são mutáveis e capazes de ressignificação uma vez que, “a mediação e a educação em museus assumem a tarefa de expandir a instituição expositiva e constituí-la



politicamente como um agente de mudança social" (MÖRSCH, 2016, p. 4). O público possui espaço de fala e os programas educativos são construídos sem processo hierárquico, toda a equipe constroem juntos projetos que englobam uma variedade de públicos. Além disso, questionam até que ponto as esferas públicas devem sustentar a instituição. Neste sentido a autora está se referindo ao processo de restrição que essa ligação entre esferas públicas e instituições causam, "Um caminho para satisfazer as demandas de uma sociedade baseada no conhecimento e seus pontos de vista passageiros, questionáveis e restritos acerca do conhecimento especializado". (MÖRSCH, 2016, p. 4).

Apesar de existirem quatro discursos institucionais distintos na mediação cultura, é possível encontrar mais de um em uma mesma instituição. Os setores que constituem os museus (acervo, curador, setor educativo e mediação cultural), podem trabalhar correlacionados ou sozinhos, como por exemplo, mediadores e o núcleo educativo, que nem sempre se comunicam e podem trabalhar diferentes discursos.

Embora os mediadores por meio de mediações culturais e ações educativas sejam importantes interlocutores para ampliação do repertório artístico e cultural do sujeito, tornando-os mais críticos e sensíveis a cada experiência oportunizada, é necessário ressaltar que existem outros pontos a serem analisados, como é o caso do olhar/corpo singular do sujeito. Quais são as nossas bagagens?

> Entrar em um museu ou instituto cultural sabendo o que expõe não garante que possamos aproveitar a visita para ampliar nossos conhecimentos. As informações são importantes, quer sejam dadas por leitura, pesquisa, ou pelo monitor ou mediador, mas o importante é também nosso olhar/corpo singular, o encontro entre nossas referências pessoais e sociais com o que nossos olhos veem, com o que nossos ouvidos ouvem, com o que nosso corpo sente. (MARTINS; PICOSQUE, 2012, p. 12).

Enxergar as "entrelinhas" e aguçar a imaginação, depende do quanto fomos expostos e praticamos exercícios de leitura visual e fomos atravessados por experiência dentro ou fora dos espaços escolares. Segundo Ferraz e Fusari (2009) "quanto maior a variedade de experiências, mais possibilidades existem para a atividade criadora e imaginativa". Assim como as obras de arte que devem ser



analisadas conforme o contexto sociocultural, político, econômico, geográfico em que foram criadas, o sujeito é um ser singular que constrói seu olhar conforme estes mesmos fatores.

Dessa forma as vivências de cada um são únicas e podem se tornar em experiências, desde que o sujeito esteja aberto a novas impressões sensoriais e estéticas. Nessa perspectiva outras questões nos mobilizam e somam-se as já apresentadas no início do texto: O sujeito que nunca teve contato com a arte e cultura, ao visitar espaços culturais é capaz de fruir e transformar todas as informações em experiência? Ou, então, aquele sujeito que desde a infância visitou espaços culturais, é capaz de fruir ou experenciar? Visitar estes espaços desde a infância contribui de alguma forma? Ou estas visitas são contempladoras e não transformadoras? (DELAVECHIA, 2022).

Essas são algumas questões que movem a próxima seção, pensadas a partir das experiências de uma das autoras como mediadora cultural, assim como, pontos de vista de pesquisadores da área, que indicam métodos relevantes capazes de proporcionar aos visitantes experiências e fruição estética.

A dimensão estética e a experiência

Os professores, especialmente os docentes da disciplina de Artes, são profissionais que podem corroborar com a ampliação do repertório cultural e artísticos dos estudantes a partir práticas ativas que fazem parte do cotidiano. Existem diversas alternativas para que isso aconteça, caso as visitas em espaços de arte e cultura não sejam uma realidade. Usando os meios tecnológicos é possível visitar museus e galerias virtuais, assistir filmes e vídeos, entre outros. Os professores têm papel de mediadores e instigadores, espalhando o que Miriam Celeste Martins denomina de “vírus estético”. Esse termo se originou no laboratório de formação de professores – Espaço Pedagógico por Pnina Friedlander, em 1992.

> O fator Rh vincula-se aos recursos dos humanos que interagem com o portador do vírus. O educador tem um papel primordial como facilitador e



> instigador para a proliferação do vírus. Entretanto, um educador ineficiente pode atrapalhar o desenvolvimento e até barrar, temporariamente, a sua evolução. Em circunstâncias externas não favoráveis, a proliferação do vírus depende do Rh interno, capaz de criar anticorpos eficientes contra a ação indesejada. O fator Rc vincula-se aos recursos da cultura onde o indivíduo e seu vírus habita. Nele estão inseridos os sub-fatores: tempo e lugar. [...] A medicação aconselhada para revitalização destes fatores é a contaminação de reforço. Viagens, visitas a museus, galerias, audição de concertos ou de discos (sic), presença em apresentações de teatro, de dança, contatos com livros, revistas, são alguns possíveis reforços. A presença de um instigador como mediador que desafia para a leitura e produção artística/estética é vital para que a medicação seja eficiente. (MARTINS, 1992, p. 2 apud MARTINS, 2014, p. 250).

De acordo com Martins (1992), a contaminação pelo vírus ocorre por dois fatores, o Rh e Rc, ligados a fatores internos e externos. A pessoa infectada ao aproximar-se de outra pessoa, é capaz de transmitir o “vírus” e o mesmo ocorre na arte e cultura. O diálogo, interações e trocas de experiências com pessoas ligadas a estas áreas podem levar a contaminações. Igualmente a um vírus, o “vírus estético” vai se propagando e contaminando cada vez mais pessoas. O educador possui um papel importante de instigador, sendo ele, o principal responsável pela contaminação do “vírus”, principalmente por, ser nas instituições de ensino, que estes primeiros contatos acontecem. Em especial nas saídas de estudos, o que para muitos, é o único modo de frequentar lugares de arte e cultura.

O tempo e lugar são subfatores importantes, e se relacionam com as “bagagens”. Esses fatores são experenciados singularmente e devemos considerá-los de antemão. Partindo dessa premissa, ao analisarmos o tempo e lugar de cada sujeito singular, podemos compreender que mesmo passando pelos mesmos experimentos ou repetindo-os, terão o mesmo efeito. O experimento pode ser repetido mas a experiência não (MARTINS,1992 apud MARTINS, 2014). O tempo (passado e presente) e o lugar (local e regional) são fatores que afetam e alteram as experiências.

Cada visitante carrega suas próprias “bagagens” e isso fica evidente em uma mediação cultural. Para fruir esteticamente é essencial a presença de um mediador cultural ou alguém para instigar o observador, seja através do diálogo ou outras interações. No entanto, é importante um cuidado, o qual propomos como



questionamento: existe apenas um modo de fruição? O tempo no qual o observador fica em frente a uma obra, pode influenciar na fruição? Estou disposto a fruir esteticamente? Como o mediador cultural contribui, ou não, para esse processo?

Para fruir esteticamente produções artísticas em museus e espaços de cultura, professores precisam considerar alguns pontos importantes, a serem instigados antecipadamente com os estudantes, quando a mediação ocorre com grupos escolares. 1º) É importante que o professor realize uma visita prévia para conhecer o espaço/museu, o setor educativo e a exposição a qual intenciona levar os estudantes. 2º) Indica-se construir um projeto estabelecendo relações entre os conteúdos da sala de aula e o objetivo da visita, que esteja de acordo com a coordenação e direção da escola, tomando o cuidado para não tornar a visita um modo de pedagogização da arte, mas sim, uma oportunidade de construir novas relações e modos de pensar os temas contemplados nas exposições. 3º) Preparar os estudantes para a visita, instigando pesquisas sobre o espaço/museu, artista ou artistas da exposição e suas produções. 4º) Agendar e informar o educativo do espaço/museu o objetivo da visita, pois esse diálogo facilitará as relações que o mediador cultural irá estabelecer e focar no encontro. 5º) Ao visitar o educativo, perguntar se possuem material de apoio que auxilia no registro e nas possibilidades educativas após a visita (SANTANA, 2009).

Os visitantes que não possuem vínculo com instituições de ensino, o público espontâneo, podem realizar pesquisas antes da visita e levantar alguns questionamentos sobre a exposição e/ou acervo, pensando sobre: a) Tema da exposição. b) Nome do artista e suas respectivas pesquisas e processos criativos. c) Agendar uma mediação. d) Procurar saber se o educativo possui material de apoio.

Todos os processos e vivências nos provocaram o interesse pelo tema da mediação cultural, o qual atualizamos para “mediação cultural e afetiva”, buscando acolher e fazer com que o visitante sinta que pertença ao museu, dessa maneira as conexões podem fluir melhor.



Segundo o dicionário *online*[3] a origem etimológica da palavra afeto, vem do latim "effectus,us", com sentido de afeição. Já para psicanálise freudiana[4], o afeto significa destinar a energia psíquica do desejo a um determinado objeto ou pessoa, e esse foco pode estar relacionado a algo positivo ou negativo.

Neste trabalho, a associação da palavra afeto à mediação cultural, acontece pela aproximação ao conhecimento sensível, aos sentimentos, como, amor, carinho, alegria, empatia, mas também, àqueles não considerados bons, mas por vezes necessários e presentes nas produções dos artistas. Estes sentimentos e sensações não são reflexos somente do que sentimos ao realizar a mediação cultural, mas também, das sensações provocadas nos visitantes pela mediação cultural e a visita ao espaço expositivo, além da própria experiência provocada pelo contato com as produções artísticas e/ou outras.

A experiência de uma das autoras como mediadora cultural no MI proporcionou reflexões relacionadas as situações presenciadas durante as mediações. Quando a visita ao museu fazia parte do planejamento e dos objetivos de aprendizagem da sala de aula, os alunos interagem mais ativamente. Isso não quer dizer que a interação aconteça somente por esse motivo, mas contribui para as conexões entre a educação e os museus como dimensões complementares uma a outra.

A experiência: aproximação com Jorge Larrosa Bondía

Seguindo os pensamentos de Larrosa Bondía[5], a informação não é experiência. No dia a dia somos expostos a diversas informações, o que nos torna sujeitos informados, contudo, nem todas essas informações se transformam em experiências.

[3] Para saber mais, acesse: https://www.dicio.com.br/afeto/. Acesso em: 20 mar. 2023.
[4] Para saber mais, acesse: https://www.psicanaliseclinica.com/o-que-e-afeto-para-a-psicanalise/. Acesso em: 20 mar. 2023.
[5] Licenciado em Pedagogia e Filosofia, é doutor em Pedagogia. Para saber mais, acesse: https://grupoautentica.com.br/autentica/autor/jorge-larrosa/419. Acesso em: 24 mar. 2023.



> A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informados, e toda a retórica destinada a constituir-nos como sujeitos informantes e informados. (LARROSA BONDÍA, 2002, p. 21).

Existem alguns pontos importantes para entendermos os obstáculos que o sujeito passa e que torna a experiência quase impossível. O excesso de informações dificulta a experiência, além do que, o sujeito precisa formar opinião para ser aceito nos meios sociais "o sujeito moderno é um sujeito informado que, além disso, opina. É alguém que tem uma opinião supostamente pessoal e supostamente própria e, às vezes, supostamente crítica sobre tudo o que se passa, sobre tudo aquilo de que tem informação." Sendo assim, o sujeito anula suas experiências quando se torna obcecado pela busca constante da informação e opina sobre ela "[...] a obsessão pela opinião também anula nossas possibilidades de experiência, também faz com que nada nos aconteça." (2002, p. 22).

A falta de tempo é outro problema da modernidade que o autor cita como bloqueio de experiências.

> [...] a experiência é cada vez mais rara, por falta de tempo. Tudo o que se passa, passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa. E com isso se reduz o estímulo fugaz e instantâneo, imediatamente substituído por outro estímulo ou por outra excitação igualmente fugaz e efêmera. O acontecimento nos é dado na forma de choque, do estímulo, da sensação pura, na forma da vivência instantânea, pontual e fragmentada. A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos. (LARROSA BONDÍA, 2002, p. 23).

Com tantos estímulos ao mesmo tempo, a informação não é absorvida, pois logo ela é trocada por outra, não sobrando espaço para que o sujeito passe por experiências, não existe tempo para conexões. Somos sujeitos insaciáveis por informações e por consequência, insatisfeitos. Voltando estes pensamentos para a área da educação o autor comenta que na escola não acontece de outra forma, "[...] na escola o currículo se organiza em pacotes cada vez mais numerosos e cada vez



mais curtos. Com isso, também em educação estamos sempre acelerados e nada nos acontece." (2002, p. 23). Durante o ano letivo a professora(o) busca comtemplar seu planejamento anual, porém na maioria dos casos os professores não conseguem dar conta da quantidade de conteúdos planejados ou optam por quais devem ser aprofundados, pois durante o percurso as modificações são necessárias e imprevistos acontecem. Tendo em vista a importância da transformação de informação em experiência, o papel dos professores e mediadores, seja por vivências escolares ou não escolares, Larrosa Bondía aponta alguns gestos necessários para que a experiencia de fato passe pelo sujeito.

> A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA BONDÍA, 2002, p. 24).

Ações educativas, mediações culturais e metodologias que se utilizam destes métodos, possibilitam que as novas informações se transformem em experiências, das quais o sujeito único pode passar por transformações, pois "Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto a sua própria transformação." (LARROSA BONDÍA, 2002, p. 26). Cada um é responsável por estar ou não aberto a novas experiências, pois elas requerem escuta, pesquisa, tempo e espaço para reverberar.

Metodologia: Grupo Focal de Mediadoras(es)

Pensando na experiência do sujeito e como ela reverbera durante suas vivências cotidianas, optamos pela metodologia do grupo focal, que é muito utilizada no campo da pesquisa em ciências sociais e humanas, por ser um instrumento de



investigação para levantamento de dados que os outros métodos como questionários, entrevistas e observações não captam. Para Gatti (2005, p. 14):

> A técnica é muito útil quando se está interessado em compreender as diferenças existentes em perspectivas, ideias, sentimentos, representações, valores e comportamentos de grupos diferenciados de pessoas, bem como compreender os fatores que os influenciam, as motivações, que subsidiam as opções, os porquês de determinados posicionamentos.

Ao realizar a pesquisa sobre o método de grupo focal, tivemos clareza de que essa metodologia foi a escolha adequada para que não ocorressem interferências capazes de anular as experiências pelas quais a pesquisa buscava evidenciar uma vez que, "o grupo focal permite fazer emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais, pelo próprio contexto de interação criado, permitindo a captação de significados que, com outros meios, poderiam ser difíceis de se manifestar." (2005, p. 9).

Para que o grupo focal seja construído é necessário que todos os participantes possuam um mesmo objetivo em comum, que nesta pesquisa consistiu em os integrantes atuassem como mediador cultural em espaços de arte e cultura, iniciando com o estado de Santa Catarina e posteriormente abrangendo para o Rio Grande do Sul.

A escolha dos participantes aconteceu primeiramente no estado de Santa Catarina, dos quais foram pesquisadas as instituições de arte e cultura e realizadas ligações telefônicas para fazer o convite previamente. Logo foi constatado que alguns lugares não disponibilizavam ou não possuíam profissionais que realizassem a mediação cultural, dessa forma escolhemos ampliar o raio geográfico para outro estado.

Em seguida, o convite foi formalizado por e-mail, recebendo ao todo o retorno positivo de sete mediadoras e um mediador. Segundo Gatti (2005, p 22) "A técnica consiste em trocas de experiências em grupos de seis a doze pessoas". As oito instituições que disponibilizaram a participação de suas mediadoras e mediador são das cidades de Criciúma, Joinville, Florianópolis e Porto Alegre. Na tabela 1,



constam os dados dos participantes, como os nomes escolhidos para identificação na pesquisa, as cidades, os estados e a função ou funções.

Tabela 1 - Participantes do grupo focal[6]

NOME	FORMAÇÃO ACADÊMICA	CIDADE	ESTADO	FUNÇÃO
Gabriela	Bacharela em Psicologia e graduanda em Artes Visuais Bacharelado - UNESC	Criciúma	Santa Catarina	Estagiária
Bruna	Bacharela em Artes Visuais e Especialista em Poéticas Visuais – UNESC. Mestre em Artes Visuais – UDESC. Graduanda em Artes Visuais Licenciatura.	Criciúma	Santa Catarina	Bolsista de Extensão
Quetlin	Graduanda em Letras Licenciatura - UNESC	Criciúma	Santa Catarina	Estagiária
Kamila	Graduanda em Psicologia - UNESC	Criciúma	Santa Catarina	Bolsista/Mediadora Cultural
Marcello Carpes	Graduando em Artes Visuais - UDESC	Florianópolis	Santa Catarina	Arte educador do Núcleo de Ação Educativa (NAE)
Sandra	Bacharela e Licenciada em Artes Plásticas. Mestre em Teoria e História da Arte – UDESC. Especialista em Gestão e Políticas Culturais – Girona/Itaú Cultural	Florianópolis	Santa Catarina	Técnica de Cultura - Coordenadora do Núcleo Educativo e de Programação e Divulgação Cultural
Nadia	Bacharela em Comunicação Social - Habilitação em Cinema e Vídeo (UNISUL) e licenciada em Letras - Língua Portuguesa e Literatura (UNIASSELVI/AUPEX). Técnico em História da Arte Ocidental (Casa da Cultura Fausto Rocha Júnior/Escola de Artes Fritz Alt).	Joinville	Santa Catarina	Assistente Cultural - Monitora de Museus
Cândida	Graduanda em Interpretação - Teatro Bacharelado - UFRGS	Porto Alegre	Rio Grande do Sul	Mediadora / Receptivo

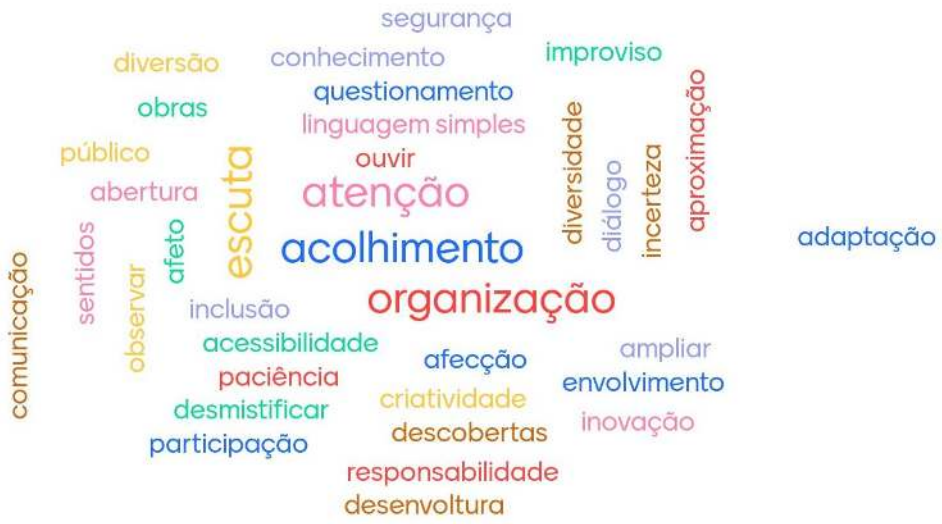
Fonte: Arquivo dos pesquisadores.

O encontro aconteceu de forma remota, utilizando a plataforma do google *meet* no dia dez de outubro de dois mil e vinte e dois, com duração de uma hora.

[6] A fim de esclarecer ao leitor, destaco que, embora nem todas as funções descritas na tabela sejam diretamente como mediadora(o) cultural, todos declararam atuar nesta função na resposta ao convite enviado por e-mail.



Todos os participantes que confirmaram a participação no encontro, de fato compareceram. Para que os dados do encontro fossem acessíveis posteriormente, optou-se pela gravação do encontro, na qual todos consentiram além da autorização



do uso de imagem, voz e escrita.

De acordo com Gatti (2005, p. 29) “O moderador deve explicitar seu papel, que é o de introduzir o assunto, propor algumas questões, ouvir, procurando garantir, de um lado, que os participantes não se afastem muito do tema, de outro, que todos tenham oportunidade de se expressar, participar”, ainda segundo a autora o moderador, aquele que dialoga com o grupo, pode ser o próprio pesquisador ou alguém convidado.

Seguindo o roteiro previamente programado para o encontro, posteriormente os participantes iniciaram suas apresentações, e comentaram sobre a função ou funções que desenvolvem na instituição. Após esse diálogo foi enviado pelo chat, o link da plataforma do *mentimeter*, para construir coletivamente uma nuvem de palavras partindo de duas questões. A primeira indagação: descreva cinco palavras sobre o que consideram importantes e, uma mediação cultural. Segue o resultado (Imagem 1):

Imagem 1 – Nuvem de palavras desenvolvido no grupo focal, 2022.

Fonte: acervo dos pesquisadores.



Ao observar o resultado da nuvem, algumas palavras nos chamaram atenção, por estarem conectadas diretamente com o tema da pesquisa. Afeto, acolhimento, linguagem simples e desmistificar, proporcionam o sentimento de pertencimento a estes espaços em uma mediação cultural. O mediador que busca proporcionar uma mediação acolhedora, entendendo que cada sujeito é único e carrega sua própria bagagem e que a partir disso, consegue identificar o seu público, está assim, afetando e sendo afetado.

Usar palavras adequadas para cada público é essencial para que a informação passe para experiência, assim como todas essas ações citadas anteriormente. Ao conversar com uma criança, devemos usar palavras que façam parte do seu vocabulário, assim como, quando estamos conversando com um público adulto que não é especialista na área de arte ou cultura. Lembrando sempre que não podemos subestimar o público. A observação e a escuta, são outras palavras presentes na nuvem e que durante a mediação cultural, quando colocadas em prática, são meios possíveis de conhecer melhor o público. É vital que o mediador esteja aberto ao diálogo e trocas de experiência, assim como o visitante, é uma relação recíproca.

Para compreender melhor a relação da mediação afetiva, mediador e o público, os pesquisadores buscaram transcrever as falas dos participantes do grupo focal, denominando-os como fragmentos. Nadia descreve sua relação com os diferentes públicos da seguinte forma (Fragmento I):

> Eu atendo escolas, mas, atendo grupos espontâneos no final de semana também, cada um tem e vem com uma expectativa diferente, então em primeiro lugar eu me abro para entender o que aquela pessoa busca ali ou precisa de mim. Eu me abro para tentar entendê-la um pouco, para me aproximar dela, para que eu também possa aproximar dela o que eu estou apresentando para ela. É uma relação muito afetiva às vezes [...] eu me sinto de formas diferentes também, à medida que eu vou me abrindo para as pessoas que eu recebo. (Fragmento I, Nadia).

A fala de Nadia deu abertura para outros diálogos entre os participantes que perceberam algumas dificuldades que compartilham.



A segunda pergunta para responderem no mesmo recurso digital anterior, foi escolher três palavras que representem as características de um bom mediador cultural no seu ponto de vista (Imagem 2).

Imagem 2 – Nuvem de palavras desenvolvido no grupo focal, 2022.

Fonte: acervo dos pesquisadores.

A palavra afeto é mencionada novamente na nuvem de palavras e para completar a conexão entre o afeto e a mediação a participante Bruna relata e justifica sua escolha (Fragmento II).

> Eu escolhi afetivo porque eu sinto que eu sempre tento trabalhar a partir dessa ideia, às vezes até um pouco utópica, de que a mediação vai afetar a vida da pessoa, seja para o bom ou para o ruim. Então eu acho que é uma coisa muito importante, uma mediação que seja afetiva, dialogante, porque é algo que eu prezo muito, estar sempre questionando. (Fragmento II, Bruna)

O seu relato também evidencia as características das ações que envolvem os



discursos desconstrutivos e transformadores mencionados anteriormente e defendidos por Mörsch. O afeto, diálogo e principalmente os questionamentos fazem



parte desses discursos que provocam reflexões e propõe novas aberturas, “Nesta prática de trabalho, aqueles que ensinam e aqueles que são ensinados intercambiam posições; o processo educativo é compreendido como um ato recíproco, embora seja estruturado pelas relações de poder já observadas” (2016, p. 6). As relações de poder citadas pela autora estão ligadas escolhas e ações das instituições e museus que afetam seu desenvolvimento. Quem escolhe quais abordagens a mediação deve seguir? Quem categoriza o “público-alvo”? Quem decide as ações? O mediador deve seguir a abordagem da instituição ou museu mesmo que não concorde?

Para uma mediação é necessário que o mediador seja capacitado e estude as obras, os artistas, a curadoria e o tema que deu vida a exposição e isso exige paciência do mediador. O participante Marcelo comenta (Fragmento III) sobre a escolha da palavra paciência, em resposta a segunda questão, no qual consta na nuvem de palavras (Imagem 2).

> Eu me vejo como alguém paciente, então acho que é uma característica importante para mim. Entender os tempos, os públicos, que os entendimentos não são na mesma velocidade, então ter paciência de perceber isso e de colocar na medida, onde cada um vai ter o seu tempo e o seu entendimento, acho que é uma característica importante. (Fragmento III, Marcelo).

O tempo que Marcelo se refere também é mencionado pela participante Nadia (Fragmento IV), pois o público que visita a exposição, embora que esteja em grupo, cada sujeito tem seu próprio tempo e entendimento, e é importante que o mediador(a) saiba gerenciar esses momentos.

> [...] é importante que o mediador saiba sentir os fluxos da sua atividade, porque de repente você têm pessoas de uma mesma faixa etária, mas cada uma tem uma energia diferente, está com nível de atenção diferente, e é preciso fluir entre essas diferentes temperaturas, digamos assim. (Fragmento IV, Nadia).



Ao analisar a nuvem de palavras, o participante Marcelo segue sua fala e comenta o quanto as palavras têm poder e o lembram de Jorge Larrosa Bondía, mesmo sem saber que o referido pesquisador é uma das referências bibliográficas da pesquisa. Ele coloca a importância da palavra, da sua força, pois nos comunicamos e pensamos por palavras e elas nos invadem em diversos sentidos, mesmo que as vezes não nos importamos tanto com elas.

Essa conexão demonstra relações importantes que o grupo focal despertou nos participantes. Manter contato com pessoas da mesma área ou áreas que possuem relações com frequência, como é o caso de mediação e educativo, podem colaborar para trocas de experiências significativas e análises das abordagens. Mas nem sempre isso é possível, pois nem todos os museus e espaços de arte e cultura possuem núcleo educativo. Uma alternativa neste caso, seria reuniões entre mediador e o coordenador da instituição com intuito de trocar experiências, mantendo contato e analisando as funções que cada um exerce e suas abordagens.

O mediador deve instigar o público a questionar, refletir, analisar, sobre as obras e artistas, fazendo-os esquecer da ideia que devem somente contemplar ou então o mediador ser um guia de exposição como comenta Marcelo (Fragmento V):

> Eu gosto de pensar na mediação nesse processo, não de entrega, não virar um guia da exposição, mas em construindo esses sentidos em conjunto. Isso coloca um desafio no sentido que os públicos também vão ter que ter uma postura mais ativa, do que passiva, em vez de ficar só escutando eles vão ter que questionar. Então esse desafio é colocado para o mediador, de tentar envolver esses públicos, nessa postura ativa de reflexão e de se colocar ali nas propostas. (Fragmento V, Marcelo).

Essas relações ou a falta delas, podem ocasionar o direcionamento dos discursos da mediação para o afirmativo, reprodutivo, desconstrutivo ou transformador (MÖRSCH, 2016), uma vez que, o público assume papel ativo e não mais passivo, assim como o mediador cria possibilidades de fruição para que as experiências aconteçam, mas não é de sua inteira responsabilidade que ela aconteça, pois o sujeito precisa estar receptivo as informações. Mesmo que o discurso do mediador seja voltado ao transformador, se o sujeito não interagir,



dialogar, questionar, é possível que ele não alcance as características e ações desse discurso e fique somente no afirmativo. Por esse motivo é tão importante o diálogo.

No final do encontro com o grupo focal, solicitamos aos participantes a realização de um mapa mental, no qual explicamos e demonstramos suas características e como poderia ser feita a sua construção, sendo digital ou manual. Pedimos que enviassem após uma semana, para que assim pudessem pensar sobre um tema, baseado nas perguntas enviadas por e-mail. As perguntas foram: 1) É possível relacionar a mediação cultural em exposições de arte com a construção de um olhar crítico e sensível no público visitante? 2) O público que visita exposições de arte e cultura, está vivenciando experiências significativas nas propostas de mediação cultural? 3) Os mediadores são responsáveis por exercícios formadores de olhares sensíveis e críticos? É possível que os olhares sejam formados? 4) Que concepções de arte e educação estão presentes nas propostas de mediação cultural em exposições artísticas? 5) Nas instituições que atuam, existem espaços para troca de experiencias entre os mediadores e o núcleo educativo? 6) Existem propostas de práticas relacionadas as mediações? Quais?

O mapa mental possibilita a visualização das palavras e suas conexões, por isso a escolha da técnica. O responsável pelo desenvolvimento da técnica foi Tony Buzan (psicólogo e escritor inglês) e os objetivos, segundo Pinheiro (2021, p. 7) são:

> O Mapa Mental, também denominado Mapa da Mente, é um diagrama utilizado para a gestão de informações, de conhecimento e de capital intelectual. Os Mapas Mentais têm como objetivo a representação do pensamento e são organizados visualmente a partir de ideias, denominadas ideias-chave. Os Mapas Mentais são úteis na identificação de fatores intervenientes para tomada de decisão.

Ainda, de acordo com Pinheiro (2021, p. 7):

> Ele é construído de forma muito pessoal, isto é, as informações e suas associações são consistentes para quem o elaborou. Por isso, é muito difícil estruturar ideias em Mapas Mentais que foram elaborados por outras pessoas, pois as associações e os desenhos utilizados foram dispostos da maneira como quem elaborou entende o conteúdo, podendo ser de difícil compreensão por terceiros.



Dos oito participantes, seis enviaram os seus mapas mentais, e destes seis, apenas dois fizeram de forma manual. Ainda no envio, os participantes relataram gostar da prática e do encontro, se colocando à disposição para contribuir futuramente, caso necessário.

Vejamos os resultados e análises de dois mapas mentais selecionados a seguir:

Imagem 3 – Mapa Mental da participante Cândida, 2022.



Fonte: Acervo dos pesquisadores.

O mapa da participante Cândida (Imagem 15) tem como palavra principal a mediação, e envolvendo ela, as palavras, instigar, aprendizado, autonomia, espaço de troca, construção e pensamento crítico. De acordo com suas concepções, um bom mediador deve provocar, mas nem sempre o público está interessado e talvez naquele momento o mediador não consiga causar nada. Seu pensamento lembra os discursos transformadores e descontrutivos de Mörsch, que de acordo com a pesquisadora, é um ato recíproco entre os que ensinam e os que são ensinados.



> Um público que recusa cumprir com estas expectativas e que insiste, assim, no trabalho orientado para a transmissão de informações evade dos objetivos educativos inerentes nestes discursos: o desenvolvimento da consiência critica, do agenciamento político, e auto-emponderamento. (MÖRSCH, 2016, p. 6).

No mapa de Cândida observamos a expressão espaço de troca que envolve o tema da mediação. Assim como ela, os outros participantes também relataram sentir falta da comunicação e troca de experiência com outros mediadores(as). O grupo acredita no benefício de estar em constante diálogo e como isso reflete no desempenho da mediação, pois podem em conjunto pensar em estratégias efetivas para dificuldades existentes, como por exemplo, como fazer um grupo voltar a focar na mediação, quando estão dispersos, e que seja de forma natural, sem forçar a sua participação. Ainda que o público visitante seja escolar, as ações e estratégias são diferentes do ensino em sala de aula.

“a mediação não termina quando acaba”
Cândida,2022.

A citação acima faz parte do mapa mental da participante Cândida e ela é importante de várias maneiras. O sujeito, no momento que realizou a visita no museu ou espaço de arte e cultura não foi afetado pelo que viu, ouviu ou sentiu, mas ele carrega isso em sua “bagagem”. Com o passar do tempo esses acontecimentos podem vir a reverberar por meio de novos acontecimentos ou aprofundamento nas pesquisas de arte e educação, mudando seus pensamentos. Pode enxergar que por esse acontecimento ele ampliou seu repertório artístico e cultural, no qual não aconteceriam sem a vivência da mediação cultural. Isso reflete a potência da mediação cultural.

Imagem 4 – Mapa mental da participante Sandra, 2022.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Já no mapa da participante Sandra (Imagem 4) percebemos algumas palavras usadas nas questões enviadas por e-mail para serem respondidas por meio do mapa mental. No item 5, intitulado como troca de experiências, ela relata como a instituição que trabalha desenvolve. Segunda ela, são realizados encontros semanais entre mediadora e núcleo educativo, dedicados aos feedbacks, planejamentos, capacitações, além de participar em grupos de estudos, laboratório de pesquisa e desenvolvimento de materiais educativos. Enquanto a participante Cândida relata sentir falta de encontros com essa finalidade, pois em sua instituição isso não ocorre. Em resposta ao item 3, que questiona se olhares podem ser formados, Sandra concorda e acrescenta outras as palavras, como, provocados, questionados, mediados, direcionados, desafiados, confrontados, despertados, desconstruídos, experimentados e ampliados. No item 4, em relação as concepções de arte e educação que a instituição e respectivamente a mediadora participante utilizam como referencial, são mencionados os documentos oficiais, como plano museológico.



O participante Marcelo não produziu seu mapa mental, mas enviou a resposta (Fragmento VI) das questões em formato de texto e suas respostas trazem importantes reflexões.

> Gosto de propor a arte como uma área de conhecimento, nesse sentido ela mostra-se na generosidade, na medida em que a aproximação e o entendimento estão ao alcance dos estudos e não de uma suposta genialidade colocada para a figura do artista. A concepção de educação empregada nas mediações apoia-se no entendimento de uma educação integrada, em consonância com a BNCC, apesar das diferenças entre educação formal e informal. Nela as importâncias não se dão somente no cognitivo ou aspectos acadêmicos, perpassa o reconhecimento do corpo como parte integrante no processo de conhecimento, seu bem-estar, suas emoções e as relações disso com o mundo e seus instantes. (Fragmento VI, Marcelo).

Na instituição que Marcelo trabalha, a arte e tratada como uma área de conhecimento e educação é amparada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), mesmo que não esteja ligada a educação formal. A suposta genialidade do artista é preocupante e causa impactos nos visitantes, podendo ocasionar o afastamento do público, pois dessa forma a arte se torna inalcançável. O artista pesquisa, estuda, erra e acerta, experimenta inúmeras vezes até atingir ou não seu objetivo, ele não nasce gênio. Quando a arte dialoga com o público, este mesmo se sente instigado.

Outro ponto importante que Marcelo traz como resposta a questão três, sobre a construção de olhares, ele comenta sobre a padronização do discurso. Para ele um discurso padrão na mediação cultural impede a construção do olhar. Se o visitante costuma realizar visitas regularmente ao espaço e o mediador, por vezes até com a orientação da instituição, segue o mesmo trajeto e com as falas praticamente iguais, ele proporcionará a ampliação e construção do olhar? Principalmente quando estamos falando de espaços que possuem exposições permanentes. É essencial que o mediador(a) busque informações antecipadas ou no caso de visita espontânea, questione o visitante sobre conhecer ou não o espaço anteriormente.



Considerações finais

As experiências que nos atravessaram, construíram e constroem as nossas "bagagens", o olhar sensível, crítico e pensante. Desse modo, buscamos nesta escrita proporcionar este sentimento de afeto a outras pessoas, olhando com carinho o ser humano que busca, muitas vezes em uma mediação cultural, compreender, conhecer, experenciar, vivenciar, momentos que os encontros e as trocas de diálogos podem proporcionar.

Os espaços de arte e cultura são potentes equipamentos culturais, que por meio das mediações culturais, mediadores e ações educativas podem construir e transformar o olhar do sujeito, desenvolvendo a sensibilidade e criticidade. Assim como as escolas, professores podem tornar as informações em experiências. Podem "contaminar" outras pessoas com o "vírus estético" e ampliar a frequência de visitação, inserindo os estudantes nestes espaços e tornando-os um público frequente.

Conhecer o público, de onde são, quem são, quais objetivos e o que esperam da visitação, são algumas das estratégias que o grupo focal demonstrou, utilizando o diálogo como principal ferramenta para garantir uma boa mediação. Em suas falas evidenciaram a importância da relação afetiva e do acolhimento (nas mediações e entre os funcionários da instituição) que nos mapas mentais foi possível observar com mais detalhes essas relações. O método do grupo focal, foi relevante para fortalecer a teoria da pesquisa e sua prática, aflorando experiências e diálogos espontâneos e únicos.

Por meio da pesquisa foi possível estabelecer alguns pontos de inter-relações entre Mediação Cultural, arte, cultura e educação, tanto nas suas funções, quanto nas ações e potências ao encontro da formação de sujeitos críticos e sensíveis. Porém, alguns fatores são independentes e não são padrões a serem seguidos. A coordenação do setor educativo é quem decide quais ou qual discurso deve seguir para alcançar os objetivos da instituição, o que pode ser bom o ruim, pois a decisão pode ou não estar nas mãos de pessoas capacitadas.



Alertamos ainda que nem sempre os mediadores podem fazer uso dos discursos desconstrutivos e transformadores, pois seguem as normas das instituições. É fundamental que existam diálogos entre os colaboradores das instituições, pois todos são importantes, além de, dar espaço para o público participar da constituição das ações educativas.

Somos seres únicos e com “bagagens”, mas precisamos acima de tudo, estar abertos a passar por transformações, talvez assim, mediadores e professores serão capazes de proporcionar que informações se transformem em experiências.

Referências:

BONDÍA, Jorge Larossa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: *Revista Brasileira da Educação*, N° 19, Jan/Fev/Mar/Abr, Rio de Janeiro: ANPED, 2002.

FERRAZ, Maria Heloisa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e. *Metodologia do ensino de arte:* fundamentos e proposições. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009. 205 p.

GATTI, Bernardete A. *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas.* Brasília, DF: Liber Livro, 2005. 75p.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias; PICOSQUE, Gisa. *Mediação cultural para professores andarilhos na cultura. 2*. ed., rev. e ampl. São Paulo: Intermeios, 2012. 161 p.

MARTINS, Mirian Celeste. Mediações culturais e contaminações estéticas. *Revista Gearte,* V.1, N.2. Porto Alegre: 2014, 248-264. Disponível em: <https://www.mirianceleste.com.br/_files/ugd/7ee6db_3177f810afb941a69537c122aa205d86.pdf>. Acesso em: 07 de set. 2022.

MARTINS, Mirian Celeste. Verbete: MEDIAÇÃO. In: *Caderno da política nacional de educação museal – PNEM. B*rasília, DF: IBRAM, 2018, p. 84-88. Disponível em: https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf. Acesso em: 11 de set. de 2022.

MÖRSCH, Carmen. Numa encruzilhada de quatro discursos mediação e educação na documenta 12: entre afirmação, reprodução, desconstrução e transformação.



Tradução: Mônica Hoff. *Periódico Permanente*, n. 6, p. 1-32, fev. 2016. Disponível em: <http://www.forumpermanente.org/revista/numero-6-1/conteudo/numa-encruzilhada-de-quatro-discursos-mediacao-e-educacao-na-documenta-12-entre-afirmacao-reproducao-desconstrucao-e-transformacao>. Acesso em: 10 de set. de 2022.

PINHEIRO, Antonio Carlos da Fonseca Bragança**.** *Mapas mentais aprenda a expressar suas ideias de forma inteligente.* São Paulo: Expressa, 2021, p. 17. Disponível em: https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786558110255/epubcfi/6/14%5B%3Bvnd.vst.idref%3Dmiolo3.xhtml%5D!/4. Acesso em: 10 de nov. de 2022.

SANTANA, Pio. A mediação no museu e os resultados na sala de aula. In: BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. *Arte/educação como mediação cultural e social*. São Paulo: Unesp, 2009, p. 261-268.

Marcelo Feldhaus
Possui graduação e especialização em Artes Visuais Licenciatura, pela Universidade do Extremo Sul Catarinense [Unesc 2004 e 2006]. Mestrado em Educação pela mesma Instituição [2015]. É Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul [UFRGS]. Professor da Carreira do Magistério Superior, Adjunto A, Classe A, nível 1, em regime de trabalho de Dedicação Exclusiva [DE], no Departamento de Metodologia de Ensino [MEN] do Centro de Ciências da Educação [CED] da Universidade Federal de Santa Catarina [UFSC]. Membro do Grupo ARTEVERSA - Grupo de Estudo e Pesquisa em Arte e Docência e do GPA - Grupo de Pesquisa em Arte. Integrante do Banco de Avaliadores [BASIs] do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior [SINAES]. Foi Diretor de Ensino Presencial da Unesc [2018-2024] e professor titular no Curso de Artes Visuais na mesma Instituição [2008-2024]. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Ensino da Arte, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de arte, formação de professores, formação estética docente, arte e docência, pedagogia universitária e docência no ensino superior.
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-4871-7927
E-mail: marceloartesvisuais@gmail.com

Aline Delavechia Rodrigues
Pós-graduada em Arte Educação pela Universidade Pitágoras Unopar Anhanguera - UNOPAR (2023). Bacharela (2018) e licenciada (2022) em Artes Visuais pela Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC. Realizou estágio na Sala Edi Balod - Espaço de Exposições e Laboratório de Artes Visuais, com realização das mediações da 1ª Mostra de Cinema, executadas entre outubro e novembro de 2017. Participou do PIBID-Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência entre agosto de 2020 a junho de 2021. Foi estagiária do Setor de Arte e Cultura - Unesc



entre março e junho de 2021. Participou como diretora do curta-metragem "O Caso do túnel de Siderópolis" e em 2021 é selecionado no 5° Metrô - Festival de Cinema Universitário Brasileiro. Foi mediadora cultural no Projeto Plano Museológico do Museu da Infância Unesc (contemplado pelo Edital Prêmio Elisabete Anderle 2019). Entre 2021 e 2022 trabalhou como assistente administrativo e mediadora cultural do Museu da Infância – UNESC. Em 2023 foi premiada pelo projeto "Caminhos da Se(mente)" desenvolvido com a turma do 2° ano do ensino fundamental I, na categoria Gurias Cientistas na 3ª Mostra de Ciências da Educação Básica de Sombrio pelo Instituto Federal Catarinense - Campus Avançado Sombrio. Atualmente é professora na rede estadual da cidade de Balneário Gaivota em Santa Catarina. Áreas de interesse: arte, processo de criação artística, educação, infância, mediação e espaços não formais de educação.
ORCID: https://orcid.org/0009-0008-8282-1940
E-mail: aline_della@hotmail.com

Disponibilidade dos dados da pesquisa: o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo está publicado no próprio Artigo.
Recebido em 02 de setembro de 2023
Aceito em 16 de abril de 2024
Editor responsável: Júlia Maria Hummes
ISSN 2319-0868
Qualis A1 em Arte, Educação, Filosofia, História, Interdisciplinar, Linguística e Literatura

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.
Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte.
Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/